

SEMANA MUNDIAL DE ALEITAMENTO MATERNO

1-7 de agosto de 2019

Empoderar mães e pais. Favorecer a amamentação.

Hoje e para o futuro!

Durante a primeira semana de agosto, estaremos comemorando a Semana Mundial de Aleitamento Materno, que é organizada internacionalmente pela Aliança Mundial para Ação em Amamentação (WABA). No Brasil, as ações da SMAM são coordenadas pelo Ministério da Saúde, em parceria com a Sociedade Brasileira de Pediatria.

As bases da saúde e do bem-estar dos adultos devem ser estabelecidas no início da vida. Estudos sobre o cérebro em desenvolvimento demonstram que as experiências da primeira infância edificam os fundamentos para uma força de trabalho capacitada, uma sociedade responsável e uma economia bem-sucedida. No início da vida, antes mesmo do nascimento, milhões de novas conexões neurais formam-se a cada segundo. Embora as crianças não nasçam com habilidade de memória de trabalho, flexibilidade mental e autocontrole, que permitem capacidades como função executiva e de autorregulação, elas têm potencial para desenvolvê-las.

Nos primeiros 1.000 dias, é fundamental a qualidade da nutrição, das interações e das experiências vividas, que podem fortalecer ou enfraquecer as habilidades em desenvolvimento, e determinar o quão feliz, saudável e inteligente a criança será.

Em qualquer lugar, os pais desejam o melhor para seus filhos e precisam saber que uma alimentação apropriada, uma estimulação eficaz e um cuidado carinhoso são essenciais para o desenvolvimento do cérebro do bebê nesse período.

Os pediatras têm grande influência sobre os familiares de seus pacientes, e como uma criança é examinada pelo menos sete vezes durante o primeiro ano, são abertas várias janelas de oportunidade para discutir sobre nutrição e desenvolvimento infantil, oferecer recomendações adequadas e fornecer soluções práticas para as dúvidas parentais.

Embora esteja bem documentado que o leite materno é a melhor escolha para recém-nascidos e lactentes, e que a amamentação exclusiva e continuada está entre as intervenções mais eficazes para reduzir a morbidade e mortalidade infantil, bem como melhorar o desenvolvimento na primeira infância, se as mulheres não tiverem apoio e aconselhamento apropriados, elas interrompem precocemente o aleitamento materno.

Amamentação exige tempo e energia, e tradicionalmente, esta tem sido considerada uma responsabilidade da mulher. Uma das razões pelas quais as mães podem se sentir sobrecarregadas é que os companheiros e familiares muitas vezes não sabem como ajudar. Os pediatras precisam incentivar os homens a participar do pré-natal e das consultas de puericultura, e também ensinar de que forma eles podem se envolver para auxiliar a nutriz. Os pais, motivados pelo bem-estar materno e infantil, certamente apoiarão suas parceiras em práticas adequadas de amamentação.

Nossa missão como pediatras é fornecer o melhor cuidado possível para nossos pequenos pacientes e suas famílias. Temos um papel importante em estimular os pais a fazerem boas escolhas, no que diz respeito ao desenvolvimento e à nutrição infantil, para que seja garantido um futuro mais saudável. Assim, vamos juntos capacitar os pais e permitir a amamentação, agora e sempre!

Dra. Maria Beatriz Reinert do Nascimento

Departamento de Aleitamento Materno da SCP

Fontes:

Bhutta et al. Optimising the continuum of child and adolescent health and development. *Lancet* 2019;393(16):1080-2.

Center on the Developing Child at Harvard University. "Construindo o sistema 'de controle de tráfego aéreo' do cérebro: Como experiências iniciais moldam o desenvolvimento da função executiva". Estudo n.11/Tradução: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2011. (www.developingchild.harvard.edu/resources)

Mithani et al. Exploring Fathers' Role in Breastfeeding Practices in the Urban and Semiurban Settings of Karachi, Pakistan. *J Perinat Educ.* 2015;24(4): 249-60.

Rollins & Doherty. Improving breastfeeding practices at scale. *Lancet Glob Health.* 2019;7(3):e292-e293.

Sayres & Visentin. Breastfeeding: uncovering barriers and offering solutions. *Curr Opin Pediatr* 2018;30:591-6.